

## **Mulheres na Fronteira: a migração de bolivianas em Corumbá - MS <sup>1</sup>**

**Roberta Guimarães Peres  
Rosana Baeninger**

**Palavras-chave: Migração Internacional; Migração Feminina; Relações de Gênero; Fronteira.**

### **Resumo**

Este trabalho tem como principal objetivo o estudo da migração feminina boliviana para Corumbá – Mato Grosso do Sul, através de seus condicionantes – tanto na origem quanto no destino – e dos impactos e especificidades observados neste fenômeno, além do uso estratégico de recursos dos dois lados da fronteira. A migração de mulheres tem sido foco nos debates recentes sobre migração internacional. Tirar as mulheres migrantes da invisibilidade ou ainda do papel de acompanhantes de homens em fenômenos migratórios é objetivo de diversos pesquisadores (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003; Engle, 2004; Phizacklea, 1983; Pessar, 2000). Estudar a migração de mulheres, no entanto, exige a incorporação de novas perspectivas de análise. Para captar os diferenciais por sexo na migração são necessários instrumentos específicos e a superação de limites de fontes de dados como os censos demográficos (Castro, 2006). Neste sentido, pode-se afirmar que o estudo da migração feminina, além de uma perspectiva teórica, exige do pesquisador a busca por fontes de dados que superem esses limites e permitam a captação de processos experimentados exclusivamente pelas mulheres ao longo do processo migratório.

Ao longo dos processos migratórios, homens e mulheres reconstruem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (Castro, 2006). Um estudo aprofundado da migração feminina permite a captação desses processos, bem como os impactos experimentados pelas mulheres: é através deles que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade em fenômenos migratórios.

Este estudo possibilitou o diálogo entre perspectivas teóricas e evidências empíricas (quantitativas e qualitativas), bem como a compreensão de que um fenômeno atual se (re)configura a partir de processos sociais e históricos. Neste contexto, as modalidades da migração internacional, neste caso a migração de mulheres, assumem características recorrentes de processos sociais pautados na origem, os quais trazem novos significados a partir da migração fronteiriça.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no V Congresso da Associação Latino-Americana de População – ALAP – em Montevidéu, Uruguai, de 23 a 26 de outubro de 2012.

# Mulheres na Fronteira: a migração de bolivianas em Corumbá - MS

Roberta Guimarães Peres  
Rosana Baeninger

## 1. Introdução

Este trabalho tem como principal objetivo o estudo da migração feminina boliviana para Corumbá – Mato Grosso do Sul, através de seus condicionantes – tanto na origem quanto no destino – e dos impactos e especificidades observadas neste fenômeno, além do uso estratégico de recursos dos dois lados da fronteira. A migração de mulheres tem sido foco nos debates recentes sobre migração internacional. Tirar as mulheres migrantes da invisibilidade ou ainda do papel de acompanhantes de homens em fenômenos migratórios é objetivo de diversos pesquisadores (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003; Engle, 2004; Phizacklea, 1983; Pessar, 2000). A desconstrução do migrante como indivíduo do sexo masculino e a incorporação das mulheres e suas experiências às análises de fluxos migratórios foram importantes avanços dos estudos recentes.

Essas experiências estão associadas às transformações sofridas por elas, desde a saída de seus lugares de origem até a inserção na sociedade de destino. Entre estes dois pontos da trajetória migratória das mulheres estão as estratégias para migrar, o planejamento de seu ciclo de vida, bem como os recursos utilizados em cada uma das etapas.

Ao longo dos processos migratórios, homens e mulheres reconstróem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (Castro, 2006). Um estudo aprofundado da migração feminina permite a captação desses processos, bem como os impactos experimentados pelas mulheres: é através deles que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade em fenômenos migratórios.

Para este trabalho, contou-se com três fontes de dados principais, que impõem um desafio metodológico a ser superado: Censos Demográficos brasileiros e duas pesquisas de campo realizadas em Corumbá<sup>2</sup>. A disposição dos dados dessas três fontes enuncia este desafio: a exploração, identificação dos limites, possibilidades de análise e preenchimento de lacunas através do aprofundamento dos dados coletados.

A *Encuesta* Corumbá, primeira pesquisa de campo realizada em outubro de 2006, é integrante de um projeto mais amplo, “Espaços Migratórios e a problemática ambiental no MERCOSUL”, parceria entre o Institute de Recherche pour le Développement (IRD – França), NEPO/UNICAMP e CNPq. Contribuindo para a construção de um instrumento de análise específico para os estudos de migração, esta pesquisa é uma das principais ferramentas utilizadas neste trabalho. A segunda pesquisa de campo, realizada em novembro de 2008 com recursos NEPO/CNPq, contou com a realização de 20 entrevistas qualitativas com mulheres bolivianas, programada a partir dos resultados obtidos da tabulação dos dados da *Encuesta* Corumbá.

---

<sup>2</sup> São fontes para a análise do fluxo de bolivianas para Corumbá as duas pesquisas de campo qualitativas realizadas em 2008, além do banco de dados resultantes da *Encuesta* Corumbá. Essas pesquisas contaram com o financiamento CNPq/NEPO/UNICAMP e foram realizadas em Corumbá, em novembro de 2008 e em La Paz, Bolívia, em dezembro de 2008.

O desafio metodológico se apresenta, então, não somente na superação dos limites das fontes e incremento de sua especificidade e aproximação do objeto de estudo, mas sim, na conjugação concomitante destes dados.

## **2. Migração feminina e relações de gênero**

Avanços teóricos recentes dos estudos de migração ressaltam a importância de se estudar diferenciais por sexo, transformações nas relações de gênero e também de um aporte específico para este fenômeno. Ao incorporar os diferenciais por sexo bem como as relações de gênero às análises de fluxos migratórios, indo além da descrição das diferenças entre homens e mulheres, as teorias de migração avançam no sentido de compreender as experiências das mulheres migrantes em esferas específicas – família, domicílio, mercado de trabalho. Segundo Pessar (2000), há importantes intersecções entre transformações dos papéis de gênero, estratégias migratórias e inserção em diferentes mercados de trabalho ao longo do projeto migratório. A interdependência dessas estruturas causa diferentes impactos principalmente entre as mulheres, que são mais suscetíveis a essas transformações.

Compreender essas estruturas, bem como suas intersecções, exige um estudo detalhado da migração feminina num aporte teórico específico, ancorado no debate da migração como um todo, porém levando em consideração essas esferas ignoradas fora dessa perspectiva. O interesse pelo estudo da migração feminina é muito recente e tem o seu início a partir de constatações de volume significativo de mulheres em fluxos migratórios onde predominavam homens ou ainda pela captação de fluxos migratórios essencialmente femininos (Castro, 2006).

Incorporar as diferentes características entre homens e mulheres na migração, bem como utilizar a perspectiva de gênero nas análises, demonstra a importância das diferenças socialmente construídas ao longo da migração. Esses “fatores sutis” definidos por Boyd e Grieco (2003) referem-se a essas transformações sofridas sobretudo na família e com o ganho de autonomia através da entrada da mulher migrante num mercado de trabalho diferenciado.

As relações de gênero socialmente construídas, definidas por Bourdieu (2000), são estruturas que tem sua gênese nas diferenças entre os sexos. Segundo Castro (2006, p. 66). As diferenças significativas entre os sexos são as diferenças de gênero. Cada sociedade dita o que espera de cada um dos sexos. O status sexual marca a participação de homens e mulheres nas instituições sociais, na família, na escola, na política, na economia, no Estado, nas religiões, incluem valores e expectativas do que uma sociedade espera de ser o feminino ou o masculino.

Num contexto migratório, essas diferenças nas relações de gênero são patentes (Morokvasic, 2003; Pessar, 2000). As transformações experimentadas por ambos os sexos são distintas e cada uma delas tem um impacto diferenciado em estruturas como família e domicílio. De fato, ao longo do processo migratório, homens e mulheres reconstróem, negociam ou reafirmam relações de poder, hierarquia e a própria identidade (Castro, 2006). Daí a importância de um estudo aprofundado da migração feminina. As experiências das mulheres, captadas e analisadas através de uma metodologia específica, oferecem outro sentido ao fenômeno, incrementam e aprofundam seu conhecimento. As lógicas de gênero (Morokvasic, 2000), em contextos migratórios, se expressam de forma “sutil e íntima”. Constrangimentos como ganho ou perda de autonomia, o debate entre a permanência e o retorno, renegociações entre os sexos, são fatores importantes para o estudo da migração feminina, uma vez que é através dessas transformações que as mulheres afirmam-se como agentes de equidade no fenômeno.

É preciso reconhecer, no entanto, a necessidade de uma mudança nas perspectivas teóricas e metodológicas para o estudo da migração de mulheres. Segundo Castro (2006, p. 79),

Os marcos conceituais e metodologias de investigação utilizados para o estudo da migração masculina não são adequados para a investigação este fenômeno em sua contrapartida feminina, já que se reconhece que o ser mulher ou o ser homem incide definitivamente nas motivações, incentivos, limitações e nas possibilidades; isto é, a análise da migração feminina ou masculina é atravessada não somente por fatores econômicos, étnicos, de geração, mas também, fundamentalmente, por gênero.

Brasil e Bolívia não apresentam uma política migratória clara de intervenção, seja favorecendo ou inibindo a migração. No entanto, políticas de reforma agrária na Bolívia, principalmente a partir dos anos 1970, favoreceram um processo de redistribuição da população e o consequente crescimento do departamento de Santa Cruz, fronteira com o Brasil (Blanchard, 2005, *apud* Souchaud e Baeninger, 2008). Neste sentido, ainda que as políticas migratórias não tenham agido diretamente sobre este fluxo, a própria dinâmica populacional na Bolívia acabou proporcionando a ocupação mais efetiva da porção oriental do país, aproximando da fronteira populações de outras regiões.

Papéis desempenhados por homens e mulheres ainda em seus lugares de origem também estão relacionados à perspectiva de gênero neste estágio da migração. Relações hierárquicas nos domicílios, tarefas e ocupações sexualmente definidas bem como diferentes redes e seus usos afetam tanto a seletividade, quanto as estratégias migratórias utilizadas por homens e mulheres.

Considerando o lugar de destino, ficam também evidentes os impactos da migração feminina. A dinâmica do mercado de trabalho específico onde se inserem os migrantes bolivianos favorece a entrada de mulheres. O comércio é uma atividade culturalmente desprezada pelos bolivianos, menor, menos valorizada e portanto, exercida pelas mulheres sobretudo nas culturas andinas. A inserção neste mercado tão específico de Corumbá se dá de uma forma mais rápida para as mulheres, e não para os homens.

Esta característica tão particular de Corumbá – como um lugar receptor de migrantes bolivianos, sobretudo de mulheres, dada a sua dinâmica econômica histórica – favorece a construção de um outro traço marcante deste fluxo migratório: a formação de uma rede social essencialmente feminina.

As mulheres são maioria histórica entre os bolivianos em Corumbá, de acordo com dados censitários. Ainda que este não seja o fluxo mais numeroso – outras correntes de paraguaios e argentinos já representaram volume maior que os bolivianos na região – as mulheres sempre se apresentaram em igual ou maior proporção que os homens. Tomando apenas as mulheres, as bolivianas também têm maior representatividade ao longo da história.

Somam-se, portanto, três fatores fundamentais para a formação desta rede migratória feminina. O primeiro deles, a dinâmica econômica histórica de Corumbá, relacionada a atividades comerciais é complementado pelo segundo: o caráter menor desta atividade na Bolívia, vista como tarefas de mulheres. A soma destes dois fatores forma a principal estrutura atrativa para as mulheres bolivianas à fronteira. Intensas atividades comerciais na fronteira, principalmente com o movimento dos “sacoleiros” nos últimos 30 anos, foram decisivas para o planejamento das trajetórias migratórias dessas mulheres. A formação dessa rede feminina tem ainda um terceiro

pilar, que são as relações de parentesco, sobretudo rituais, diferenciadas entre homens e mulheres, a serem discutidas adiante.

Segundo Morokvasic (2003); Engle (2004); Sakka (1999) e Phizacklea (2003), o uso estratégico dos espaços migratórios – seja apenas o lugar de destino seja as diferentes etapas do processo – se dá por meio da configuração dessas redes, e como elas se articulam a diferentes estruturas sociais. O planejamento de etapas do ciclo de vida das migrantes, em cada um dos espaços migratórios de suas trajetórias, é realizado através dos recursos oferecidos por essas redes. As entrevistas em profundidade realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá proporcionam a construção de um “enfoque longitudinal” (Dureau, 1992) desta migração feminina, buscando “entender como as pessoas conjugam diferentes práticas residenciais no transcurso das etapas migratórias e do ciclo de vida” (Dureau, 1992, p. 92).

### **3. Migração Feminina: a presença das bolivianas em Corumbá**

Os avanços teóricos em estudos de migração apontam para a necessidade e importância do reconhecimento das mulheres como agentes de equidade em fenômenos migratórios. Segundo Harzig (2003), é fundamental a desconstrução da figura do homem provedor (“*male breadwinner*”) em contextos em que homens e mulheres se arriscam paralelamente em projetos migratórios.

Para identificar e compreender estes processos associa-se os dados da *Encuesta Corumbá* às entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas. Completando o esforço metodológico proposto neste trabalho, as entrevistas ampliam o contato específico com mulheres abordando questões que apontem para estes processos essencialmente femininos.

#### **3.1 Trajetórias Migratórias, Ciclo de Vida e o Uso Estratégico dos Espaços**

As trajetórias migratórias das mulheres bolivianas em Corumbá revelam suas motivações, transformações sofridas ao longo do processo e ainda, estratégias utilizadas não apenas para percorrer etapas migratórias distintas, mas para planejá-las em função de outros fatores, especialmente ligados ao planejamento do ciclo de vida familiar. Segundo Chaves (2009, p. 137),

Relacionar a migração com os diferentes estágios do ciclo de vida – que interfere com maior peso na vida das mulheres, em função dos múltiplos papéis assumidos por elas em certas etapas – se mostrou importante para elucidar aspectos da dimensão familiar e individual da migração feminina

Trajetórias migratórias não se definem, portanto, apenas no percurso percorrido pelos migrantes em direção a seu destino: é importante apreender o uso estratégico de cada um dos espaços componentes desta trajetória, em suas variadas formas. Segundo Tarrus (2000, p. 44), durante toda a vida os indivíduos desenvolvem estratégias residenciais que nada tem a ver com o acaso:

Minha preocupação residiu na construção de trajetórias que articulam a história de vida, tal como a descreve cada interlocutor e os acontecimentos gerais, exteriores às vontades individuais, mas contribuindo com a construção dos destinos.

Partindo desta perspectiva, busca-se associar o caminho percorrido pelas mulheres bolivianas até a chegada a Corumbá, associando fatores indicados por elas próprias para a construção de suas trajetórias. Uma das especificidades deste levantamento de campo realizado em Corumbá é a captação dessas trajetórias. Através de um esforço dos próprios migrantes ao listarem os lugares por onde passaram até a chegada ao destino, pode-se reconstruir esses caminhos. As entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá permitiram uma análise longitudinal (Dureau, 1992) destas trajetórias, revelando o uso dos espaços percorridos em função do planejamento do ciclo de vida individual e familiar dos migrantes.

É importante ressaltar, no entanto, que essas trajetórias foram traçadas e percorridas em meio a um cenário de transformações profundas na distribuição populacional boliviana. Os processos que conduzem ao cruzamento de fronteiras da Bolívia para o Brasil têm suas raízes estruturais fincadas nesta redistribuição populacional. São fortes e presentes neste fluxo migratório os vínculos com estes processos bolivianos, uma vez que é comum a “tendência à instalação” desses migrantes após a chegada a Corumbá (Souchaud e Baeninger, 2008). Desta forma, Corumbá tem a função de espaço final de um processo migratório essencialmente boliviano.

O cenário da distribuição da população boliviana na segunda metade do século 20, sofreu marcantes transformações de naturezas política e econômica (Domenach e Celton, 1996; Souchaud e Baeninger, 2008). Dado que a migração de bolivianos para Corumbá se estende desde antes mesmo desse processo que resultou em fluxos de migração interna na Bolívia, é esperado que esses processos se reflitam nas trajetórias migratórias desses migrantes.

De fato, os dados da *Encuesta* Corumbá revelam que as mulheres migrantes passaram por pelo menos uma etapa migratória diferente de seu lugar de nascimento: 73% delas migram internamente na Bolívia antes de atravessar a fronteira em direção a Corumbá. Enquanto os migrantes avançam em suas etapas migratórias é formado um eixo em direção à fronteira com o Brasil e, mais adiante, em direção a Corumbá. Lia<sup>3</sup>, entrevistada em pesquisa de campo, percorreu quatro etapas migratórias antes da chegada a Corumbá:

*Não foi difícil me acostumar. Demorei muito para chegar na fronteira e fui me acostumando aos poucos. E aqui é muito parecido com o que eu vivia lá (em Puerto Quijarro). Difícil foi sair de La Paz. Mas depois andei tanto que me acostumei.*

Entre as mulheres entrevistadas que haviam percorrido mais de uma etapa migratórias, o planejamento do ciclo de vida familiar regeu a temporalidade de suas trajetórias. Maria, que percorreu duas etapas migratórias, afirma:

*Aceitei vir com ela (a irmã) só depois que meu filho nascesse em Santa Cruz. Não queria que ele nascesse aqui. Queria que ele nascesse lá, que fosse como eu.*

---

<sup>3</sup> Nome fictício. Todos os nomes das mulheres entrevistadas na pesquisa de campo foram preservados. Questionadas sobre o idioma de preferência para as entrevistas, a escolha da maioria das mulheres foi o Português, embora as respostas tenham sido dadas em Espanhol.

A noção de pertencimento ligada a uma das etapas migratórias, citada por Maria com relação ao lugar de nascimento de seu filho é definida por Tarrius (2000) como a associação entre migração e os recursos disponíveis em cada um dos lugares percorridos. Segundo o autor,

Busquei sistematicamente, mais além da história singular de cada pessoa, suas modalidades de pertencimento ou não a vastas coletividades que expressam sua memória a vastos espaços migratórios através do tempo e da sucessão de gerações. Como agregam estas memórias os lugares invadidos, ocupados, atravessados? Que recursos oferecem as etapas migratórias e os novos centros que às vezes, segundo os grandes acontecimentos da história, se sucedem nos mesmos lugares? (Tarrius, 2000, p. 45).

Os usos desses espaços e a identificação dos recursos disponíveis em cada um deles, no entanto, são diferenciados de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres. Neste sentido, o planejamento das trajetórias migratórias não está ligado diretamente a recursos disponíveis em determinados espaços, mas à sua associação às necessidades identificadas de acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres.

De acordo com a etapa do ciclo de vida em que se encontravam, os recursos identificados e utilizados em cada uma dessas etapas migratórias foram diferenciados. Cora descreve a sua saída de La Paz para Santa Cruz quando tinha 15 anos:

*Quando meu pai morreu, fiquei com minha mãe e meu irmão. Ele se casou e saiu de casa. Convenci minha mãe a sair de lá, queria ir para Santa Cruz. Tinha uma tia vivendo lá. Nunca pensei em vir pro Brasil. Mas queria morar num lugar onde eu pudesse trabalhar em outra coisa (Cora é de uma família de agricultores) e não só ficar esperando marido.*

Muito diferente foi a identificação dos recursos encontrados em Santa Cruz descritos por Patrícia, que deixou Oruro aos 29 anos:

*Minha tia ficou viúva e foi para Santa Cruz e em pouco tempo já estava trabalhando numa feira grande que tem lá. Minha prima ficou em casa conosco e só depois foi encontrar a mãe. Depois de bem pouco tempo já estava trabalhando também na feira e tinha se casado e ela é mais nova que eu. Fui morar com a minha tia para não repetir a vida da minha mãe. Queria me casar e ter filhos e onde eu morava, eu já sabia como ia ser a minha vida para sempre.*

Os recursos encontrados por essas duas mulheres bolivianas em etapas migratórias comuns são bem diferenciados. Esses recursos, ainda que associados a expectativas e motivações para migrar, foram identificados através de históricos migratórios – e respectivos recursos encontrados – de outros membros da família. Por estarem em diferentes momentos de seu ciclo de vida, essas duas mulheres encontraram numa mesma etapa migratória, no mesmo lugar, diferentes recursos que impulsionaram de maneiras distintas as suas próximas etapas.

Ao mesmo tempo em que se aproximam da fronteira, os recursos encontrados em cada uma das etapas migratórias foram se tornando comuns à maioria das mulheres entrevistadas. O

perfil do grupo, revelado pela *Encuesta* Corumbá, no entanto, é bem distinto. Expectativas principalmente relacionadas a melhores condições de trabalho impulsionaram a aproximação dessas mulheres à fronteira, mas de maneiras muito distintas, sobretudo, ao que se refere ao status de nupcialidade.

Entre as mulheres solteiras ou separadas que se aproximaram da fronteira uma etapa antes de cumprir suas trajetórias migratórias, todas estavam acompanhadas de outra mulher da família, também com o mesmo status de nupcialidade. Encontraram em Puerto Quijarro e em Puerto Suarez novas perspectivas de trabalho, principalmente relacionadas ao comércio do lado brasileiro da fronteira.

*Saí de casa com minha madrinha e fui para Santa Cruz, depois para Puerto Suarez e depois é que vim pra cá. Quando chegamos em Santa Cruz, começamos a trabalhar numa feira de artesanato. Minha madrinha veio logo para a fronteira, mas eu fiquei lá com a filha dela e uma tia porque queria estudar lá. Depois que eu terminei a escola, vim direto para Suarez, e começamos a levar mercadoria pela fronteira, de lá para cá. Comprávamos coisas mais baratas do lado boliviano e vendíamos aqui nas feiras. Depois começamos a ficar do lado de cá e minha prima é que agora mora em Puerto Suarez e traz as mercadorias. Ela não quer morar aqui.*

Entre as mulheres casadas ainda na Bolívia, que terminaram de cumprir suas etapas migratórias acompanhadas de maridos e filhos, o planejamento das trajetórias levou outros recursos em consideração: além de melhores condições de trabalho, especialmente entre as mulheres, o período em que ficaram dividindo as atividades entre Brasil e Bolívia foi mais longo. A preocupação com a disponibilidade de sistemas de saúde e educação para os filhos, por exemplo, permeou as falas de todas essas mulheres:

*Eu por mim ficava no meio caminho. Usava o que era melhor dos dois lugares. Eu gostava de morar em Quijarro porque eu entendia todo mundo e todo mundo me entendia. Aqui eu não entendo o que as pessoas falam. Por mim teria ficado do lado de lá... Meus filhos vão à escola boliviana. Lá eu sei o que está sendo ensinado, entendo as coisas. Aqui não entendo. Mas eles vão ao médico daqui, que é melhor. Eu não consigo. Vou ao médico de senhoras em Quijarro. Nunca vou aqui. Mas meu marido acabou arrumando trabalho aqui. Antes ele trabalhava lá e eu vinha todos os dias trabalhar aqui. Depois que ele começou a trabalhar na mineradora, quis vir pra cá. Eu vim sem vontade. Eu ainda quero voltar a La Paz. Todo ano eu passo um mês lá, quando as crianças estão de férias (Alice, 48 anos).*

*Minhas crianças só vão à escola em Quijarro. Minha filha mais velha voltou para Santa Cruz e está com uma tia para continuar estudando, quer fazer faculdade. Eu gosto de morar aqui, porque tenho muitas amigas da Bolívia e ganho melhor. Mas trabalho a mesma coisa. Não confio nas pessoas porque elas não confiam em mim. Então, não deixo meus filhos estudarem aqui. Saí de La Paz para trabalhar em Santa Cruz.*



*Vim para a fronteira porque ganhava melhor aqui e minha madrinha estava morando aqui também. Mas eu quis ter todos os meus filhos lá. Quando nasceu o menor e eu já morava aqui voltei para Santa Cruz para ele nascer lá. E assim eu vou... Eu sempre volto para os lugares onde morei porque gosto de lá, tenho amigos e família. Mas eu sei que ganho mais aqui e preciso ficar por causa das crianças.*

De acordo com Pessar (2000, p. 96) a base da construção de qualquer trajetória migratória feminina é o ciclo de vida – individual e familiar. Independentemente das expectativas construídas no lugar de origem, as trajetórias migratórias são dependentes do ciclo de vida das mulheres migrantes. Um fator importante é sem dúvida a nupcialidade. Mas o planejamento do ciclo de vida, tanto individual quanto familiar é a questão central que define as trajetórias migratórias. Os usos dos espaços de acordo com esse planejamento orientam a mobilidade das mulheres migrantes.

Neste sentido, as mulheres bolivianas que chegaram a Corumbá planejaram sua trajetória migratória de acordo com as possibilidades encontradas em cada um dos espaços componentes. As expectativas descritas no momento de saída do lugar de origem – trabalho, casamento, estudo – foram se modificando de acordo com os recursos encontrados em cada uma das etapas migratórias. Quando perguntadas se o objetivo principal era o cruzamento da fronteira, 15 das 17 entrevistadas que cumpriram mais de uma etapa migratória afirmaram não terem planejado, no momento da saída do lugar de nascimento, viver em Corumbá.

Esta é uma importante informação resultante das entrevistas qualitativas realizadas com essas mulheres: inseridas num fluxo migratório antigo, em que a participação feminina foi sempre significativa, o projeto migratório não abarcava o cruzamento da fronteira. Esta nova etapa migratória foi acrescida ao longo da própria trajetória, quando se inseriam essas mulheres em outras redes, encontrando outros recursos, que as levaram a Corumbá. Este ato reforça a relação estreita existente entre fluxos migratórios internos na Bolívia e a presença boliviana em Corumbá (Souchaud e Baeninger, 2008).

O casamento é também uma etapa importante do ciclo de vida que as mulheres captadas em Corumbá pelas duas pesquisas de campo levam em conta na construção de suas trajetórias migratórias. Segundo a *Encuesta* Corumbá, 43,2% das mulheres casadas ou em união estável têm a data da união anterior à chegada ao destino. Dentre as restantes, 85% se casaram com homens brasileiros.

Ainda que se trate de volumes pequenos, as entrevistas qualitativas confirmam a preocupação com o casamento ao longo das trajetórias migratórias. Segundo Cora,

*Eu já sabia como ia ser a minha vida lá (em La Paz)... eu ia ficar esperando um marido e depois continuar vivendo do mesmo jeito. Eu não queria me casar. Quando fui com a minha mãe para Santa Cruz, eu nem pensava nisso. Depois de Santa Cruz, em Quijarro, conheci o meu marido e comecei a trabalhar na fronteira. Ele já morava no Brasil. Eu não queria me casar aqui de jeito nenhum, porque pra mim é diferente. Mas também não queria vir pra cá sem me casar porque não achava direito. Daí ele foi pra lá, casamos e moramos lá um tempo, eu trouxe a minha mãe e duas primas. E depois nos mudamos pra cá. Elas continuam lá (em Puerto Quijarro) e meus filhos passam a semana lá para irem à escola.*

Souchaud e Fusco (2009, p. 35) analisaram dados da *Encuesta* Corumbá referentes aos arranjos familiares dos bolivianos. Segundo os autores, Com efeito, a migração se define em função do ciclo de vida e, ao mesmo tempo, ela alimenta e acelera a construção das etapas do ciclo vital. A população migrante, além de se caracterizar por perfis diferentes no momento da emigração, experimenta muitas situações de vida durante o período migratório, e essa variedade de situações familiares e individuais, em conjunto com a alta velocidade com que se modificam os arranjos familiares dos próprios migrantes na sociedade de recepção, reflete nos resultados da pesquisa.

Analisadas as trajetórias migratórias das mulheres em Corumbá em função de seu ciclo de vida, observa-se uma estreita relação entre essas duas estruturas. O ciclo de vida, especialmente casamento e nascimento de filhos, é planejado em função das etapas migratórias percorridas e dos usos estratégicos de cada um desses espaços. De acordo com o momento do ciclo de vida em que se encontram essas mulheres, são identificados por elas diferentes recursos em etapas migratórias iguais.

### **3.2 Estratégias migratórias e redes sociais**

Se as trajetórias migratórias das mulheres bolivianas em Corumbá estão diretamente relacionadas ao planejamento do ciclo de vida individual e familiar, é necessário observar de que maneira essa articulação se estabelece: quais as estratégias dessas mulheres para cumprir suas trajetórias migratórias em função de seu ciclo de vida? De que rede de apoio dispõem? A que tipo de auxílio recorrem?

Ainda que estudos específicos sobre migração feminina tenham definido este fenômeno como componente de uma estratégia familiar e não individual – como fluxos migratórios com fins matrimoniais – observando outros fluxos migratórios, compostos por ambos os sexos, pode-se isolar importantes fatores específicos entre as mulheres (Morokvasic, 2000, p. 896). Estes fatores estendem-se desde a seletividade das migrantes até as mudanças experimentadas por elas ao longo de suas trajetórias.

Neste sentido, entende-se como migração feminina não apenas fluxos compostos exclusivamente por mulheres, mas o conjunto de diferenciais que fazem as trajetórias e estratégias utilizadas pelas mulheres serem diferentes das utilizadas pelos homens. As entrevistas qualitativas realizadas com mulheres bolivianas em Corumbá revelam as estratégias utilizadas por elas ao longo de suas trajetórias migratórias. Os dados da *Encuesta* Corumbá não revelam a rede de apoio utilizada pelos migrantes segundo o sexo.

Desta forma, não se pode afirmar em que proporções as mulheres captadas pela pesquisa receberam auxílio de homens ou de outras mulheres. As entrevistas qualitativas, no entanto, apontam para a formação de uma rede essencialmente feminina, em que as mulheres circulam até a chegada a Corumbá e, após a chegada ao destino, permanecem alimentando a rede, facilitando a chegada de outras mulheres à fronteira. Segundo Juliana,

*Não tem problema sair de casa se você sabe para onde vai e com quem vai. Muitas mulheres fazem isso. Eu acho que a minha vida teria sido mais difícil se eu não tivesse saído de casa. Eu vim com a minha madrinha então não teve problema nenhum. Eu fiquei em Santa Cruz e depois ela veio pra fronteira pra trabalhar e eu vim com ela. Então não é que ela me tirou de casa... eu queria sair porque lá eu sabia que ia viver igual à minha mãe. Não era ruim... mas eu já sabia como era. E não foi*

*por aventura que eu vim, não. Nunca fui... rebelde!. Era só porque eu sabia no que ia trabalhar, quanto ia ganhar, que tipo de família ia ter... Eu não queria. É... hoje eu trabalho na mesma coisa. Mas é diferente. Aqui eu ganho mais e faço o que eu quero da minha vida.*

O depoimento de Juliana aponta para um importante viés comumente associado à migração feminina. Segundo Chaves (2009, p. 13),

A migração feminina incorpora facilmente o viés de liberdade: a mulher sairia da proteção cotidiana familiar em busca de uma vida mais autônoma num outro destino. Sendo assim, migrar seria crescer e se independe. Entretanto, generalidades tamanhas não se ajustam a todas as migrantes. Sem dúvida, algumas características da migração atuam no sentido de melhorar a condição de vida das mulheres: o deslocamento autônomo, a maior escolaridade, a inserção no mercado formal. Porém, essas seriam conjunções que afetariam positivamente a condição de vida de qualquer um, homem ou mulher.

A migração de mulheres bolivianas para Corumbá não parece ter esse “perfil libertador”. A decisão de migrar e também a escolha da estratégia para fazê-lo são, na maioria das vezes, coletivas. Neste sentido, sair do lugar de origem muitas vezes implica numa mudança de cenário para o exercício de atividades semelhantes.

Mais do que um “cálculo racional para a diminuição de riscos e custos”, a composição de uma estratégia migratória feminina envolve a articulação entre os recursos já disponíveis na origem e ainda aqueles que serão incorporados no lugar de destino (Oso Casas, 2005). A decisão de migrar é tomada pelas mulheres a partir da perspectiva de recursos já no primeiro momento do projeto migratório. Neste sentido,

Um ponto de partida crucial para o estudo da migração feminina é a relação entre as estratégias migratórias e redes sociais. É essa relação a principal estrutura que orienta as decisões tomadas por grupos ou indivíduos num fluxo migratório. A decisão de migrar, no entanto, é influenciada pela existência e pela participação em redes sociais, que conectam as pessoas em diferentes espaços. (Phizacklea, 2003, p. 87).

Foi a partir das entrevistas qualitativas que se observou a formação de uma rede migratória complexa, essencialmente feminina. As mulheres bolivianas deixam seus lugares de origem acompanhadas por outras mulheres, de diferentes relações de parentesco. Enquanto percorrem suas trajetórias migratórias envolvem-se nessa rede solidária, em que a mobilidade é fator determinante. Segundo Chaves (2009, p. 12),

Análises que têm como base as redes sociais enfatizam sua importância na migração feminina; o contínuo desses movimentos cria no destino uma comunidade que se apresenta com dupla função para a comunidade de origem: protege, acolhe e ampara as migrantes, ao mesmo tempo em que zela para que seu comportamento reflita as tradições e os costumes das áreas de origem. Outros autores consideram a relevância das redes sociais

ainda maior na migração feminina porque muitas vezes elas se particularizam por gênero, isto é, constituem-se apenas de mulheres e aí atuam de forma significativa no atendimento a necessidades específicas das migrantes, ao mesmo tempo em que acolhem e protegem aquelas que buscam na migração uma forma para escapar das amarras da sociedade de origem.

A associação existente entre as estratégias migratórias utilizadas e essa rede social essencialmente feminina é descrita pelas bolivianas em Corumbá como fundamental para a efetivação do projeto migratório. Mulheres deixarem seu lugar de origem com outras mulheres – à exceção do pai ou marido – é descrito por elas como *comum e seguro*. O apoio prestado entre as mulheres da mesma família – não necessariamente co-habitante – é fundamental para a decisão de migrar e para a construção de uma estratégia migratória.

No momento da decisão de migrar e de que forma realizar o projeto migratório, as mulheres de uma mesma família prestam diferentes auxílios umas às outras, ainda que não dividam o mesmo domicílio e nem tenham uma relação direta entre si. Tias – irmãs da mãe – que se casaram e foram morar em outro lugar – atraíram e abrigaram sobrinhas. Essa foi uma estratégia muito comumente apontada pelas migrantes entrevistadas em Corumbá. Maria descreve as estratégias utilizadas no início de sua trajetória migratória:

*Minha irmã saiu antes, com minha tia, para Santa Cruz. Eu fiquei em casa trabalhando com minha mãe. Quando ela morreu, minha irmã voltou e me levou para Santa Cruz com ela. Ficamos morando lá com a minha tia e duas primas. Minha tia já era separada. Daí eu me casei, não deu certo e eu voltei para a casa da minha tia e só saí de lá quando nasceu o meu mais novo.*

Outra figura familiar de grande importância no fluxo migratório de mulheres bolivianas para Corumbá é a madrinha. A *Encuesta Corumbá* não aponta a relevância desta relação – foram captados apenas dois casos de mulheres que migraram com suas madrinhas. No entanto, entrevistas realizadas em Corumbá e em La Paz ressaltam a importância desta relação simbólica de parentesco e o papel fundamental nas estratégias migratórias dessas mulheres. De acordo com Quiroga (2007, p. 10),

Existem ainda outros agentes que influenciam as decisões familiares, como os padrinhos, que em certos estratos sociais se convertem em referências morais.

A construção social da madrinha como parentesco, descrita pelas mulheres entrevistadas em Corumbá, é construída fortemente na relação de confiança existente entre o pai, a mãe e a madrinha. Juliana descreve a saída de seu lugar de origem: *eu vim com minha madrinha, então não teve problema nenhum*. Spedding (2003, p. 65) define essa relação de parentesco ritual:

A forma de parentesco ritual que existe nos Andes é o apadrinhamento. Uma pessoa atua como padrinho ou madrinha do filho de outro em alguma cerimônia vital (batismo, primeiro corte de cabelo, matrimônio, primeira comunhão, graduação, etc.) O filho se converte em afilhado

dessa pessoa e os padrinhos e pais, em compadres. Os compadres devem se visitar, compartilhar comida e bebida, oferecer hospedagem e ajudar-se em outros aspectos da vida, além de tratar-se com respeito: sem insultos ou brigas. Espera-se que os padrinhos ajudem seus afilhados no caso de gastos especiais, sobretudo referentes à educação e vestimenta, e também a conseguir emprego; em troca, o afilhado deve estar disposto a ajudar seus padrinhos quando necessitam de seus trabalhos. Todas essas atividades são voluntárias e depende dos envolvidos manter essas relações.

A relação de apadrinhamento existente nas famílias bolivianas, sobretudo andinas, é um fator facilitador da migração interna e internacional dessas mulheres. O planejamento de trajetórias e estratégias migratórias não incluía necessariamente o cruzamento das fronteiras. Muitas mulheres saíram de seus lugares de origem para Santa Cruz, com objetivos restritos a este espaço: saíram de casa com suas madrinhas, que as hospedaram, e em troca ajudaram com serviços domésticos ou cuidados com crianças. As mulheres entrevistadas descreveram essa relação como de gratidão à figura das madrinhas. Avançado o ciclo de vida dessas mulheres migrantes, muitas delas ainda alimentam essas relações: seus filhos estudam em escolas bolivianas e são hospedados por suas madrinhas. Segundo Isabel,

*Saí de Cochabamba para Santa Cruz com minha madrinha. Ela tinha acabado de ter um filho e eu fui ajudar e também estudar. Se não fosse por ela, eu não teria chegado até aqui. Ela continuou em Santa Cruz quando eu disse que queria vir pra fronteira. Mas ela me deu o dinheiro para começar a trabalhar com comércio aqui. Meu filho mais velho agora mora com ela, está fazendo faculdade.*

Ao longo de todo o projeto migratório as mulheres bolivianas acessaram suas redes sociais – principalmente de parentesco – com outras mulheres para a obtenção de auxílio em diferentes momentos. Observou-se que a companhia para migrar é obtida através dessas relações, sanguíneas ou simbólicas. Apenas 28, das 230 mulheres captadas pela *Encuesta* Corumbá migraram sozinhas. Dentre essas, no entanto, apenas 8 migraram para viverem sozinhas no lugar de destino. Entre as entrevistadas em Corumbá, nenhuma havia migrado para viver sozinha.

Uma vez que a migração de mulheres bolivianas para Corumbá é um processo longo e que envolve etapas migratórias diversas, foram comuns depoimentos como o de Cora, que afirma não ter imaginado vir para o Brasil quando migrou pela primeira vez. As mulheres que saem sozinhas de seus lugares de origem, no entanto, alcançam a fronteira mais rapidamente, sem cumprirem tantas etapas: apenas 12 mulheres, das 28 que migraram sozinhas, cumpriram mais de uma etapa migratória até chegarem a Corumbá. Ou seja, de acordo com os dados da pesquisa, as mulheres que migraram sozinhas tinham um destino na fronteira mais certo do que aquelas que cumpriram suas trajetórias migratórias acompanhadas pela família. Raquel saiu da casa dos pais direto para a fronteira:

*Eu sabia que o mercado aqui, por causa dos sacoleiros, era melhor do que lá. Eu soube porque uma amiga veio morar com o marido aqui, porque ele foi trabalhar na mineradora. Eu disse para a minha mãe que*

*eu vinha, mas ela não queria. Mas eu vim porque eu perdi o emprego lá. No fim foi bom, porque eu levo dinheiro pra ela agora.*

As entrevistas revelam ainda que nenhuma mulher saiu sozinha de seu lugar de origem sem alguma amiga ou outra mulher da família esperando na fronteira. Reforça-se, portanto, um perfil do próprio fluxo migratório feminino diferente daqueles de “caráter libertador” descritos por Chaves (2009). A migração de mulheres bolivianas para Corumbá está ligada a processos de redistribuição da população na Bolívia, transformações no cenário socioeconômico do país – que levou o departamento de Santa Cruz a se configurar como o principal centro econômico e produtivo – e também a uma rede social essencialmente feminina para este fluxo migratório.

Para obter o primeiro emprego no lugar de destino as mulheres também se articulam nesta rede social. De acordo com os dados da *Encuesta* Corumbá é neste momento que as figuras masculinas – pai, cônjuge, irmão – tem menor participação na estratégia feminina: apenas 10% das mulheres captadas pela pesquisa receberam este tipo de auxílio no momento da obtenção do primeiro emprego. Esta é uma das especificidades mais importantes do fluxo de bolivianas para Corumbá: o comércio, principal atividade dos migrantes bolivianos na região, é culturalmente uma atividade feminina. Segundo Cecília,

*Vim para a fronteira com o meu marido, a convite da minha cunhada que tinha ficado viúva. Meu marido veio primeiro porque eu tinha criança pequena. Quando nós viemos, já comecei a trabalhar com a minha cunhada na feira. Meu marido demorou pra conseguir emprego, foi difícil... (Pergunto se o marido não poderia trabalhar com ela na feira). Isso é trabalho de mulher! Na Bolívia os homens cuidam da terra e nós é que vendemos a mercadoria. Mas lá é diferente. É como se não tivéssemos escolha. Aqui é melhor, não parece obrigação. Tem muito homem querendo emprego de mulher agora (risos...)*

Entre as mulheres entrevistadas em Corumbá esta foi uma reação comum: quando perguntadas sobre a possibilidade dos homens trabalharem junto com elas, no comércio, poucas seguraram o riso. O observado ao longo da pesquisa de campo, no entanto, é que muitos homens trabalham no comércio: mas nunca na venda de mercadorias. A divisão sexual desta atividade é clara: mulheres no balcão, homens no estoque.

Zélia também descreve essa divisão sexual do trabalho encontrada em Corumbá:

*Aqui tem muito trabalho pra nós. O comércio é bom, tem muito comprador brasileiro que vem buscar mercadoria na fronteira. Toda mulher que chega aqui tem trabalho. Os homens não sentem tanta diferença, porque já trabalhavam lá, claro, mas ganhavam pouco. Aqui continuam trabalhando, ganham mais, é verdade, mas não como as mulheres. Muitas nunca trabalharam e passam a ter mais dinheiro que os homens.*

Essa “vantagem” obtida pelas mulheres através da associação entre a dinâmica econômica de Corumbá – historicamente ligada ao comércio – e especificidades culturais de seus lugares de origem – o desígnio às mulheres das atividades comerciais – se reflete em mudanças nos papéis exercidos por homens e mulheres. Segundo Morokvasic (2000),

mulheres migrantes tendem a ser segregadas em ocupações específicas no lugar de destino de acordo com os papéis de gênero desempenhados nos lugares de origem. Há um embate teórico sobre a entrada das mulheres migrantes no mercado de trabalho:

A perspectiva mais comumente adotada pelos autores é que a migração e a entrada das mulheres no mercado de trabalho do destino trazem ganhos e perdas: aumenta a exploração de mulheres e, ao mesmo tempo, oferece a oportunidade de ganho de independência, respeito e a percepção de que a situação pode se transformar (Morokvasic, 2000, p. 893).

Busca-se discutir no próximo item, portanto, o status ocupacional das mulheres bolivianas em Corumbá ao longo de sua trajetória e suas relações com as transformações experimentadas por essas mulheres no domicílio e na família.

### 3.2 Trabalho imigrante e relações de gênero

As transformações experimentadas ao longo das trajetórias migratórias foram detalhadamente descritas pelas mulheres entrevistadas em Corumbá. Segundo Maria,

*Foi muito difícil chegar aqui. Eu saí da casa dos meus pais, fui para a casa da minha tia (em Santa Cruz), me casei, depois me separei e voltei pra lá. Enquanto isso eu trabalhei muito. Mas era diferente daqui. Faço aqui o que muitas mulheres fazem em La Paz, mas ganho mais dinheiro para os meus filhos. A pobreza lá é muito grande. (Pergunto o que mudou em sua vida depois da chegada a Corumbá). Agora meus filhos passam a semana na casa da minha tia em Quijarro. Ela que me hospedou e agora ela cuida dos meus filhos, posso mandar dinheiro para ela. Antes ela que tinha me feito um favor. E hoje eu faço um favor pra ela. (Quanto à possibilidade de outro casamento): Homem só atrapalha! Agora eu trabalho fora, trabalho em casa, cuido dos meus filhos, tudo o que eu fazia antes. Mas eu é que decido!*

Cecília descreve a principal mudança experimentada ao longo de toda a trajetória migratória:

*Aqui eu trabalho como comerciante, como em Cochabamba. Mas eu ganho mais dinheiro, sou mais independente. Por causa disso eu pude criar meus filhos de um jeito diferente. Hoje já são todos maiores de idade, fazem o que querem. O mais velho voltou para Cochabamba para estudar e mora com uma tia. Todos trabalham e cada um vai escolher e seguir o seu caminho quando chegar a hora. Eu era a única filha mulher e tinha obrigação de ficar em casa e por isso me casei cedo.*

Migração feminina, entrada das mulheres no mercado de trabalho na sociedade de destino e transformações dos papéis de gênero desempenhados na família: de acordo com diversos autores, essas estruturas mantêm estreitas relações entre si e abrigam profundos diferenciais entre

homens e mulheres (Pessar, 2000; Morokvasic, 2000; Oso Casas 2005; Pessar e Mahler, 2001). Segundo Morokvasic (2000, p. 895),

O impacto da entrada das mulheres no mercado de trabalho pode ser determinado pelas possibilidades de emprego encontradas pelos homens. Quando essas oportunidades são poucas, podem ocorrer mudanças drásticas na estrutura familiar com o aumento do número de domicílios chefiados por mulheres.

A relação descrita por Morokvasic (2000) parece se aplicar ao caso dos bolivianos em Corumbá. A oferta de trabalho entre as mulheres – culturalmente comprometidas com atividades comerciais – é patente na dinâmica econômica corumbaense. Os homens, além de enfrentarem um mercado de trabalho restrito e urbano, devem superar este obstáculo cultural para concorrer com as mulheres, o que dificilmente acontece, segundo os dados das pesquisas de campo.

Associa-se a este cenário uma rede social essencialmente feminina, em que as mulheres se apóiam mais que os homens: para auxílio na obtenção do primeiro emprego é quando elas mais recorrem ao mesmo sexo. Desta forma, a entrada das mulheres no mercado de trabalho do lugar de destino é mais eficiente e os impactos, especialmente o aumento da renda, provocam transformações nos papéis desempenhados nos domicílios. Segundo Cecília,

*As coisas começaram a mudar por isso. Ele (o marido) não tinha emprego e eu já cheguei e já trabalhava na feira. Daí eu vi que estava com o dinheiro e poderia decidir as coisas. E não deixei passar a chance. Porque lá ele resolvia tudo sozinho, porque eu ganhava muito pouco. (Pergunto quem controla o orçamento do domicílio). Ah, sou eu mesma!*

De acordo com a *Encuesta Corumbá*, 58,9% das mulheres bolivianas são responsáveis pelos domicílios. Dentre essas, 48% vivem com cônjuges. As entrevistas qualitativas revelam que 16 das 20 mulheres entrevistadas são chefes de família, sendo que apenas 3 delas vivem sem cônjuge. Este cenário aponta para uma das mais profundas transformações experimentadas por essas mulheres ao longo de suas trajetórias migratórias. Segundo Safa (1992, p. 12),

Como resultado de uma maior inserção no mercado de trabalho, tanto formal quanto informal, as mulheres migrantes estão mais que nunca assumindo responsabilidades econômicas em suas famílias, enquanto o papel do homem como mantenedor principal está se enfraquecendo. No lugar do antigo patriarcado, um padrão mais igualitário emerge, no qual mulheres e homens dividem responsabilidades no grupo doméstico, partilhando decisões, tarefas e encargos domésticos. A extensão da mudança depende de muitos fatores, mas um fator chave é a contribuição feminina para a economia do grupo doméstico.

Parece claro e esperado que a entrada das mulheres no mercado de trabalho da sociedade de destino resultasse numa mudança de papéis de gênero na família. Essa transformação entre as mulheres bolivianas em Corumbá, no entanto, acontece em meio a disputas e conflitos com a figura do homem provedor. Segundo Cecília,



*O trabalho pra nós não é novidade. Nós sempre trabalhamos muito. Mesmo quem não trabalhava fora, quando é mais nova, tem que trabalhar muito em casa. Então essa coisa de “como é agora que você trabalha fora” pra mim não existe. Eu sempre trabalhei. Eu sei que todas essas mulheres que estão aqui (aponta para o resto da feira) também sempre trabalharam, pode perguntar para qualquer uma delas. **O que muda é o que acontece na sua casa.** As coisas mudaram muito mesmo. Mas pra isso teve muita briga, porque meu marido ficou desempregado quando nós viemos pra cá e pra ele foi muito difícil viver com o meu dinheiro. E não só com o meu dinheiro: comigo também!*

Segundo Marri e Wajnamn (2007, p. 20),

A mudança do status da esposa na composição da renda familiar traz consigo alterações nos papéis desempenhados por estas no mercado de trabalho, nos casamentos e nas famílias. O aumento da renda de um dos parceiros, digamos da mulher, relativamente aos rendimentos do marido, eleva, teoricamente, seu poder de barganha. Esposas que recebem mais do que seus maridos têm maior poder de decisão.

Os conflitos descritos pelas mulheres bolivianas em Corumbá não eram causados apenas pelo aumento da renda feminina. Relações de poder no domicílio foram abaladas, segundo as migrantes, porque as mulheres se adaptavam mais facilmente que os homens ao lugar de destino, principalmente por causa do amparo cedido pela rede social formada por elas. Os homens, menos providos deste recurso e com dificuldades de inserção no mercado de trabalho não mantêm a mesma autoridade dentro dos domicílios.

Segundo Pessar (2000), os vínculos existentes entre o trabalho das mulheres migrantes e o domicílio são relacionados não só à mudança da figura do responsável, mas também à organização, controle da renda e divisão do trabalho doméstico. De acordo com a autora, a participação dos homens nas atividades domésticas varia de acordo com a composição e com o estágio do ciclo de vida do domicílio. Isabel descreve essa transformação experimentada em seu domicílio:

*Quando eu cheguei aqui não era casada nem nada. Eu vim com a minha madrinha. Daí me casei aqui com um boliviano também, então minha vida era quase igual. Eu recebi dinheiro da minha madrinha pra ter minha barraca na feira. E depois que eu devolvi, eu comecei a ganhar mais que meu marido, que nessa época ficou desempregado. Daí eu tinha um filho pequeno, não ia pagar ninguém pra ficar com ele se o pai estava do lado. Mas foi difícil. No começo foi pior: meu marido acho que era mais criança do que o meu filho, porque a bagunça era toda dele! E daí eu tinha que fazer tudo em casa depois do trabalho. Não agüentei! Quase me separei nessa época. Como ele demorou pra arrumar emprego, acabou me ajudando mais... Mas brigamos muito. Hoje ele lava a louça e passa roupa. Mas ninguém sabe!*

Segundo Morokvasic (2007), os papéis de gênero desempenhados por homens e mulheres antes da migração são bastante “resistentes”, e essa transformação é um processo que acaba por contestar, dentro do domicílio, relações de poder e autoridade. De acordo com Castro (2006, p. 254),

É no domicílio em que são criados e reproduzidos, de uma geração a outra, valores, padrões de comportamento, normas ideológicas e de gênero que requerem a reprodução da estrutura sócio-econômica e cultural. É no domicílio que se moldam formas de pensamento e comportamento sexual e social, por isso se reconhece que a família produz e reproduz pautas culturais e de gênero. A unidade doméstica é um cenário onde se dividem objetivos comuns, mas também conflitos e negociações entre seus integrantes, gerando tensões, desequilíbrios e desigualdades.

As migrantes bolivianas em Corumbá enfrentam esses conflitos e tensões enquanto desenvolvem estratégias e táticas de sobrevivência numa nova ordem de papéis de gênero. Nos depoimentos das mulheres entrevistadas observa-se que, neste processo de reconfiguração familiar, embates dentro do domicílio, especialmente com o cônjuge, são comuns:

*Não acho que foi o fato de eu trabalhar que mudou as coisas na minha casa. Fui eu que mudei. O dinheiro veio por causa da mudança que eu comecei quando eu saí de casa e ele só me deu o meio para mudar. E a gente se desencontrou quando ele ficou desempregado. E daí as coisas nunca mais foram as mesmas, porque eu já estava de outro jeito, queria outras coisas (Cecília).*

*Aqui tem mais trabalho pras mulheres. Pode olhar. Eu não sabia que ia ser assim quando eu saí de lá. A gente ficava sabendo que o comércio na fronteira era bom por causa dos sacoleiros, mas não sabia que era igual. Acho que como tem muito boliviano aqui, a gente trouxe o mesmo jeito de fazer as coisas pra cá (Cora).*

Buscou-se com este quarto capítulo completar o esforço metodológico proposto, partindo dos dados da *Encuesta* Corumbá, preenchendo lacunas referentes às especificidades da migração feminina com as verbalizações das mulheres bolivianas entrevistadas. Para tanto, de acordo com a bibliografia, isolou-se esferas específicas da análise de fluxos migratórios femininos – trajetórias migratórias, ciclo de vida, redes sociais, estratégias migratórias, reconfiguração familiar – e, de acordo com os depoimentos coletados em campo, associou-se a estas esferas uma perspectiva relacional.

O fluxo migratório de bolivianas para Corumbá é carregado de especificidades em todas essas esferas: o comportamento das mulheres é diferente dos homens e essas diferenças têm raízes nos lugares de origem e destino. A reconfiguração dessas esferas estabelece novos vínculos entre a mulher boliviana e sua família ou entre sua atividade laboral, possíveis apenas para aquelas que cruzaram fronteiras.

#### 4. Considerações Finais

Carregado de especificidades, o fluxo de bolivianos para Corumbá – Mato Grosso do Sul, se apresenta como um importante objeto de estudo da migração feminina. A experiência dessas mulheres, forjada por fatores estruturais ligados a espaços de origem e destino – e etapas migratórias intermediárias – ao fim de suas trajetórias, revelam transformações profundas sofridas ao longo de todo o processo. Buscou-se neste trabalho, dada a disposição de diferentes fontes de dados, construir desde a origem essas etapas migratórias, associando a elas os discursos das próprias migrantes e ainda estes fatores estruturais que configuraram ao longo da história este fluxo migratório.

Partiu-se, para tanto, de um desafio metodológico: explorar três diferentes fontes de dados principais, de diferentes naturezas, dimensões e objetivos. Censos Demográficos e duas pesquisas de campo compõem o cenário de possibilidades de análise do fluxo de bolivianas para Corumbá.

A busca por limites e respectivas superações configuraram a estrutura do próprio trabalho: através de dados censitários buscou-se analisar a formação de Corumbá como um espaço de fronteira relevante para a migração boliviana. Encontrados os primeiros limites de análise do fluxo migratório em si, a *Encuesta* Corumbá preencheu essas lacunas para o estudo de fluxo de bolivianos em Corumbá. Por fim, as entrevistas realizadas na segunda pesquisa de campo forneceram a dimensão necessária para a compreensão da migração feminina, dos impactos sofridos pelas mulheres bolivianas ao longo de todo o processo, dos vínculos estabelecidos por elas entre diferentes esferas específicas de análise.

A construção de Corumbá como um espaço relevante para o fluxo de bolivianos revelou a presença desses migrantes desde o fim do Século 19 na região e ainda, a importante presença das mulheres ao longo de toda a história do fluxo migratório. Outros grupos formaram o contingente de imigrantes na região – paraguaios e argentinos, principalmente. Mas foi entre os bolivianos que se observou a presença feminina em equidade com a masculina.

Este fato aponta para a importância da migração feminina no âmbito da migração boliviana como um todo. A *Encuesta* Corumbá deu início à investigação das causas desta especificidade através da descrição detalhada deste fluxo migratório.

Foi através dos dados da *Encuesta* Corumbá que as diferentes experiências de homens e mulheres foram captadas. Superados limites impostos pelos dados censitários pela própria natureza da pesquisa, uma vez que o fluxo de bolivianos em Corumbá não é numericamente expressivo, o que pode causar desvios já que se trata de uma amostra, a *Encuesta* Corumbá ofereceu possibilidades mais robustas para este estudo.

Ressalta-se ainda a importância de uma pesquisa de campo da natureza da *Encuesta* Corumbá. Realizada para o estudo específico do fluxo de bolivianos na fronteira, esta pesquisa permite a construção de diferentes perspectivas de análise: a migração feminina é uma delas. Foi através dos dados resultantes desta pesquisa que se construiu o leque de especificidades das experiências migratórias das mulheres, a serem investigadas através das entrevistas qualitativas realizadas em Corumbá.

Ainda que a *Encuesta* Corumbá tenha sido o principal instrumento de análise deste trabalho, não foi uma pesquisa programada com o objetivo de estudar a migração feminina. Desta forma, encontraram-se também limites para a investigação das especificidades das mulheres ao longo do processo. Para superá-las foram realizadas as entrevistas qualitativas. Associando, por fim, os dados da *Encuesta* Corumbá às informações coletadas nesta segunda pesquisa de campo, buscou-se as experiências, estratégias e trajetórias das mulheres, sempre através da perspectiva da incorporação das relações de gênero ao estudo.

Através da recente bibliografia dos estudos migratórios, em que a incorporação da perspectiva de gênero tem sido foco de debates teóricos (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003; Engle, 2004; Phizacklea, 1983; Pessar, 2000), isolou-se esferas de análise específicas da migração feminina. A partir deste primeiro momento, já com os dados tabulados da *Encuesta* Corumbá, construíram-se as bases para um estudo específico da migração feminina: as relações na família e no domicílio ao longo de todo o projeto migratório, as estratégias utilizadas, as causas do planejamento das etapas migratórias, uso estratégico dos espaços. As entrevistas qualitativas revelaram, por fim, importantes conexões entre essas esferas e, ainda especificidades das mulheres bolivianas em Corumbá.

Segundo os dados da *Encuesta* Corumbá, as mulheres bolivianas percorreram trajetórias migratórias compostas por mais de uma etapa (Castro, 2006), em sua maioria. Essas trajetórias, mais do que o caminho percorrido pelas migrantes, revelam o uso estratégico de cada um desses espaços. Em busca dessa relação, analisou-se as trajetórias das migrantes em função de seu ciclo de vida – individual e familiar.

Constatou-se, a partir desta associação, a estreita relação existente entre essas estruturas no ciclo de vida das mulheres (Pessar, 2000; Chant, 1992) bolivianas, especialmente referentes ao casamento e ao nascimento dos filhos. O planejamento das trajetórias migratórias e as estratégias utilizadas foram definidos por elas através do momento do ciclo de vida em que se encontravam e também de suas expectativas futuras. A saída do lugar de origem depois da morte do pai ou da mãe, ou ainda depois do nascimento dos filhos foram comuns às mulheres entrevistadas.

Em cada um dos espaços percorridos pelas mulheres até a chegada a Corumbá foram identificados, em função do ciclo de vida, diferentes recursos estratégicos. Este fato é reforçado pela passagem de mulheres em diferentes momentos de seu ciclo de vida por etapas migratórias iguais.

O uso estratégico dos espaços (Pessar, 2000; Boyd e Grieco, 2003; Peres, 2006) é realizado pelas mulheres bolivianas mesmo depois do cruzamento da fronteira e do estabelecimento na sociedade de destino. Por ser um espaço de fácil circulação, as mulheres optam pelo uso de serviços tanto do lado brasileiro quanto do lado boliviano: os filhos estudam em escolas bolivianas, mas utilizam o serviço de saúde brasileiro; elas com frequência utilizam o serviço de saúde boliviano, sobretudo de ginecologia.

A interface da presença das mulheres bolivianas em Corumbá e do recente debate teórico revela especificidades deste fenômeno: diferentemente de outros fluxos migratórios femininos, as bolivianas em Corumbá planejam seu ciclo de vida em função de processos sociais ligados à origem. Casamento e nascimento de filhos são programados em função das etapas já percorridas e ainda das expectativas futuras das migrantes. Segundo Pessar (2000), migrantes dominicanas nos Estados Unidos planejam seu ciclo de vida em função do estabelecimento no lugar de destino. O fluxo de mexicanas na fronteira com os Estados Unidos apresentam a mesma característica (Chant, 1992). As mulheres bolivianas tem um comportamento diferenciado no cenário dos fluxos migratórios femininos uma vez que planejam tanto seu ciclo de vida quanto o uso de recursos do lugar destino em função de seu lugar de origem.

Este uso estratégico dos espaços e o próprio planejamento das etapas migratórias são sustentados pelo uso diferenciado das redes sociais (Massey, 1998; Pessar, 2000). Os dados da *Encuesta* Corumbá já revelavam o acesso e uso específico dessas redes por homens e mulheres. As mulheres, além de recorrem mais frequentemente a estes recursos, o fazem na maioria das vezes através de outras mulheres.

A construção de uma rede social essencialmente feminina é uma das principais especificidades da presença boliviana em Corumbá. Esta rede se estabelece através do contexto

econômico da fronteira – em que o comércio é historicamente relevante –, de um traço cultural marcante na Bolívia, que reserva a atividade comercial tradicionalmente às mulheres e ainda a relações de parentesco, sobretudo rituais.

A associação destes três fatores forma esta rede permanente de auxílio entre as mulheres migrantes: desde o planejamento da primeira viagem até o estabelecimento definitivo no lugar de destino.

A utilização dos recursos disponíveis em cada um dos lugares de destino ao longo das trajetórias migratórias é observada em outros fluxos internacionais de mulheres (Morokvasic, 1984; Boyd e Grieco, 2003). É entre as bolivianas, no entanto, que se estabelece uma rede essencialmente feminina, que disponibiliza recursos específicos, que incluem auxílio no cuidado com os filhos e, principalmente, auxílio para a inserção no mercado de trabalho de Corumbá.

O estabelecimento dessa rede feminina de auxílio proporciona às mulheres bolivianas em Corumbá uma inserção rápida no lugar de destino. Os homens acabam também por trabalhar no comércio, mas respeitando a mesma divisão sexual do trabalho consolidada na Bolívia: as mulheres atendem os clientes enquanto os homens são responsáveis pelo estoque de mercadorias.

Essa inserção diferenciada na sociedade receptora tem profundo impacto nas relações no domicílio e na família. As mulheres bolivianas experimentam em Corumbá uma reconfiguração de seus papéis nessas esferas privadas, muitas passando a controlar a renda da família, a tomar decisões no domicílio e ainda assumindo a responsabilidade por essas duas estruturas.

Neste contexto, sofrem modificações as relações de poder e os papéis de gênero (Morokvasic, 2000; Hill, 2004; Engle, 2004; Castro, 2006) desempenhados pelas mulheres bolivianas. As verbalizações captadas em Corumbá revelam o ganho de independência através de maiores salários, de autonomia, de poder de decisão; por outro lado, elas também revelam as dificuldades de adaptação principalmente relativas ao clima – a maioria das mulheres entrevistadas é de origem andina – e ao idioma.

O cruzamento da fronteira não é, para a mulher boliviana, simples sinônimo de libertação. É uma estratégia de sobrevivência, que conserva estruturas da origem, mas que também proporciona possibilidades de superação de dificuldades, de enfrentamento de situações de pobreza ou de amarras sociais. “*A Bolívia está em mim*” declarou – em Português – uma das mulheres entrevistadas, que todos os anos, passa os meses de férias escolares em Cochabamba com a família que permaneceu na origem.

Em outros estudos sobre migração feminina – sobretudo em fluxos de longa distância – prevalece esse viés libertador (Chaves, 2009; Castro 2006) de ganho de autonomia e independência. As trajetórias migratórias bolivianas revelam que a saída do lugar de origem é ainda uma etapa migratória distante do cruzamento da fronteira. O processo social da migração de bolivianas para Corumbá é construído ainda no país de origem. A estreita relação mantida por essas migrantes com seu país de origem, portanto, transcende a questão geográfica da fronteira e está relacionada ao próprio processo migratório.

As possibilidades de análise apresentadas pelas fontes de dados utilizadas neste trabalho ainda na foram esgotadas, deixando desafios futuros a serem investigados. O primeiro deles são as relações mantidas com lugares de origem e destino da geração intermediária – nascida na Bolívia e residente no Brasil e também da segunda geração de migrantes – nascida no Brasil.

Segundo dados da *Encuesta* Corumbá e das entrevistas qualitativas, essa geração intermediária tem fortes ligações com seus lugares de origem. Muitos desses jovens voltam à Bolívia para estudar, com recursos enviados pelos pais, e residem em casas de parentes. A segunda geração (Sales, 1996), no entanto, desponta como importante agente articulador entre o comércio dos imigrantes em Corumbá e outros espaços, também marcados pela presença

boliviana. Alguns relatos de mulheres bolivianas revelam a migração interna de seus filhos para São Paulo, com o objetivo de negociar – também com migrantes bolivianos – e transportar mercadorias a serem vendidas na fronteira.

A presença boliviana em Corumbá é marcada por especificidades ligadas a processos históricos tanto na origem quanto no destino. Buscou-se ressaltar neste trabalho as experiências migratórias das mulheres bolivianas ao longo de suas trajetórias, as transformações sofridas, os impactos dessa migração em esferas privadas e públicas.

Essas bolivianas – sempre com a ajuda de outras mulheres – deixaram seus lugares de origem por diferentes causas. Todas, no entanto, apresentaram um traço comum: a coragem para enfrentar o desafio do cruzamento de uma fronteira que, ainda que permita uma circulação relativamente fácil, se impõe com dificuldades de adaptação e desafios de equidades de gênero.

### **Referências Bibliográficas**

BAENINGER, R. Região, Metrópole e Interior: Espaços Ganhadores e Espaços Perdedores nas Migrações Recentes - Brasil, 1980-1996. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade de Campinas, 1999.

BOYD, M & GRIECO, E. Women and Migration: Incorporating gender into international migration theory. Migration Policy Institute. Washington, 2003.

CASTRO, J.Y.C. Ahora las mujeres se mandan solas: migración y relaciones de género em una comunidad mexicana transnacional llamada Pie de Gallo. Tese de Doutorado, Universidad de Granada, 2006.

CASAS, L. O. La réussite epagmoles de Paris: strégies de mobilité sociale et trajectories biographiques. Revué Européenne des Migrations internationales. Vol 21, n. 1, 2005.

CHANT, S. Migration and Development: The Importance of Gender. In: Gender and Migration in Developing Countries, Bellhaven Press, London, 1992.

CHAVES, M. F. Mulheres migrantes: senhoras de seu destino? Uma análise da migração interna feminina no Brasil: 1980/1991. Tese de Doutorado em Demografia, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

DOMENACH, H. ; CELTON, D. La comunidad boliviana en Cordoba. Caracterización e proceso migratório, Universidad de Córdoba, 1996.

ENGLE L. B. The world in motion. Short essays on migration and gender. International Organization for Migration (IOM), 2004.

MOROKVASIC, M. La mobilité transnationale comme resource: le cas des migrants de l'Europe de l'Est. Cultures et Conflits, 32, 2002.

MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SHINOZAKI, K. (eds) Crossing Borders and shifting boundaries. Vol I, Gender on the move. Oplanden, 2003.

MOROKVASIC, M Birds of passage are also women... International Migration Review, vol XVIII, nº 4, 1984.

MOROKVASIC, M. In ad out of the labour market: Immigrant and minority women in Europe. New Community Gender and Migration, vol 19, nº 3, 1993.

OSO, L. Women, the pioneers of migration chains: the case of Spain. "Working Party on Migration" Seminary California, 1994.

PESSAR, P. R. The Linkage Between the household and workplace of dominican women in the U.S. International Migration Review, vol XVIII, nº 4, 2000.

PHIZACKLEA, A Transnationalism, gender and global workers. In: MOROKVASIC, M.; EREL, U.; SALA, G. A. Características demográficas e sócio-ocupacionais dos migrantes nascidos nos países do Cone Sul residentes no Brasil. Tese apresentada ao Centro de

Desenvolvimento Regional, CEDEPLAR. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SAKKA, D. (org) Return Migration: changing roles of men and women. *International Migration Review*, vol. 37, n. 4, 1999.

SALES, T. *Brasileiros longe de casa*. Editora Cortês, São Paulo. 1999.

SOUCHAUD S. ; BAENINGER, R. Diferenciais da Imigração Boliviana em Corumbá: resultados de pesquisa de campo. Artigo apresentado no Seminário Internacional de Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2008.

SPEDDING, A. Breve curso de parentesco. Editorial Mama Huaco, La Paz, Bolívia, 2003.

TARRIUS, A. Leer, describir, interpretar. Las circulaciones migratória: conveniência de la noción de “território circulatório”. *Los nuevos hábitos de la de identidad. Relaciones*, vol XXI, nº 83, 2000.